

**Diálogo sobre Ecologia, Ciência e Política.**

César Benjamin (editor). Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

(Brochura)

ISBN 85-209-0412-2

Só mesmo o nosso ex-colega da Escola Nacional de Saúde Pública, César Queiroz Benjamin, poderia escrever um livro como este. Nele, tudo é ao mesmo tempo polêmico e didático.

Segundo o autor, trata-se de uma discussão sobre problemas ecológicos entre dois profissionais de formações distintas: um de Ciências Naturais e outro de Ciências Sociais. A nosso ver, porém, a coisa não é assim. Aquele que é apresentado como de Ciências Naturais parece-se mais com os atuais pesquisadores preparados no sistema burocratizado da pós-graduação. O seu pensamento é, tipicamente, o de um burocrata que completou todas as etapas da sua carreira: Mestrado, Doutorado, etc. O outro assemelha-se aos antigos cientistas, de ampla cultura geral.

Duas frases do primeiro capítulo, “Abertura: rumo à catástrofe”, merecem ser transcritas, pois combinam com a idéia que fazemos dos dois debatedores: “Na mitologia contemporânea, como se sabe, os computadores sempre dizem a verdade” e “O futuro catastrófico previsto para os países desenvolvidos — fome e desarticulação dos serviços essenciais — é apenas o dia-a-dia de boa parte da humanidade, hoje”.

Muito importante uma nota que, curiosamente, tem o número 13 e está na página 13. Ela mostra que a preocupação com o meio ambiente não é recente. Vem, pelo menos, do século

XVII e inclui até a extinção de espécies.

O capítulo “População: explosão ou transição” é muito útil, pois, apesar de o Prof. Mario Magalhães da Silveira ter demonstrado, em 1962, a falsidade das idéias de Malthus sobre população, este mito da explosão demográfica vem sendo difundido até hoje. Além do mais, o assunto é tratado com dados muito detalhados e de diversas fontes.

“Biodiversidade: defesa do futuro” discute o papel dos diversos níveis tecnológicos na agricultura e levanta problemas que podem advir do desenvolvimento da biotecnologia. Pela primeira vez vi esses problemas serem apresentados de forma entendível ao leigo.

Uma nota (142) sobre o problema da pesca na Amazônia define a situação atual: “A revolução tecnológica em curso na Amazônia (...) não é a da biotecnologia. É a da moto-serra e da rede de náilon, do trator e da geladeira”.

Além desta nota, por si só bastante esclarecedora, toda a problemática da Amazônia está apresentada com muita clareza.

A demagogia do efeito estufa está minuciosamente discutida. Por outro lado, a histeria a respeito do buraco na camada de ozônio está muito bem comparada com uma histeria semelhante, desenvolvida contra o DDT, ambas ligadas ao problema de patentes.

O problema da lei de patentes está muito bem explicado e, pelo andar da carruagem, as multinacionais vão acabar patenteando o conhecimento dos índios e dos caboclos.

Ao final do livro chega-se à seguinte conclusão: isto sim é que é ecologia.

Mario B. Aragão

Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz

**Planejar e Redigir Trabalhos Científicos.**

Luis Rey. São Paulo: Editora Edgar Blücher Ltda., 1993. 318 p.

(Brochura)

O Prof. Luis Rey volta à arena da literatura científica com mais esta obra essencialmente didática e de incontestável utilidade prática. Em 318 páginas, o autor condensa uma enorme quantidade de informações, colocadas em seus

devidos lugares com muita precisão, em linguagem simples mas extremamente elegante.

Esta 2ª edição surge com várias modificações e ampliações. A primeira parte, inteiramente nova, contém 141 páginas dedicadas a assuntos relacionados com a pesquisa e com o pesquisador. Nas oito primeiras páginas, o leitor é iniciado, de maneira muito sutil mas objetiva, no trato com o conhecimento, com as formas do saber e com os compromissos sociais do

---

pesquisador. Discute, ainda, o papel da própria Ciência, comprometida com as diferentes formas de dominação política e econômica.

Nas demais páginas que compõem a primeira parte, o autor introduz o leitor em problemas metodológicos e estatísticos, bem como àqueles relacionados à redação do projeto de pesquisa, financiamento e o uso de computadores.

A segunda parte da obra é dedicada à produção do trabalho científico, com muitos detalhes de ordem prática, desde preocupações com a língua e a destinação do trabalho até a preparação dos textos para publicação ou apresentação oral.

O livro apresenta extraordinária coerência em todo o seu desdobramento até o capítulo 18, sobre a apresentação e discurso oral.

De acordo com seu autor, o livro “tem por finalidade essencial manter o texto atualizado, tanto mais que os progressos da arte de escrever e de fazer circular informações científicas adquirem um ritmo acelerado, pela introdução de novas técnicas e novos equipamentos, como os modernos computadores, as novas máquinas de editoração e os sistemas e programas (*software*) especialmente desenvolvidos para isso”.

Esta publicação é essencial a estudantes de pós-graduação e àqueles que se iniciam em atividades de pesquisa.

*Frederico Simões Barbosa*

Departamento de Endemias Samuel Pessoa  
Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz

---

***Disease and Civilization: The Cholera in Paris, 1832.*** François Delaporte. Cambridge: M.I.T. Press, 1986.

A publicação recente da edição francesa intitulada *Le Savoir de la Maladie*, coincidindo com a expansão do cólera no continente americano na década de 1990, justifica a análise de uma obra lançada há 7 anos. A 1ª edição, em inglês, foi revista pelo autor, que, como Foucault, é discípulo de Canguilhem. A escola de Georges Canguilhem revolucionou a história da Biologia na França, transformando-a, de uma seqüência de panegíricos, em uma análise conceitual, historiográfica e equilibradamente externalista. Delaporte utiliza este método para explorar as relações entre organização social, administrativa e de saúde pública e as disputas políticas e acadêmicas na França durante a Restauração, sob o reinado liberal de Louis Philippe. O tema central da obra é a discussão dos eventos que cercaram a epidemia de cólera que chegou a Paris em 1832, contrariando as previsões dos ufanistas, que contrapunham as conquistas da civilização francesa à barbárie asiática.

O cólera, considerado anacrônico pelos parisienses da década de 1830, era-o tanto quanto o é hoje nas Américas.

São oito capítulos de fácil leitura, organizados dentro de uma seqüência de descrições factuais e análises conceituais que abordam, sucessiva-

mente, as previsões otimistas e realistas, a chegada da epidemia, as medidas administrativas adotadas, a prevalência nas diferentes classes sociais, a investigação epidemiológica, as teorias médicas do contágio e infecção, os reflexos das medidas de controle sobre o comércio e a economia, e a reforma do Código Sanitário. Os esforços para se desvendar os mecanismos fisiopatológicos da doença, explicar sua origem e modos de propagação e testar táticas de controle contribuíram para a elaboração de uma medicina verdadeiramente científica. As condições de vida da população carente chamavam a atenção para os condicionantes sociais da doença, há muito conhecidos e, então, estatisticamente comprovados. Um capítulo de notas explicativas e um glossário biográfico complementam o texto. Uma relação bibliográfica, fora das Notas, seria desejável.

A análise de Delaporte, baseada em seu domínio da bibliografia científica e literária da época do nascimento da Clínica, ressalta a complexidade dos acontecimentos e de seus motivos, em oposição às correlações imediatas e fáceis, que, com freqüência, falsificam as explicações históricas, como as de Ackerknecht, discutidas no capítulo 7, e as improvisações de tantos autores antigos e modernos.

“*Disease does not exist. What does exist is not disease but practices*”. Esta frase de Delaporte deriva da visão da história de Heródoto, segundo a qual não existem fatos e sim relatos,